

Nietzsche, o riso e a corrosão

Dr. Gustavo Bezerra do N. Costa⁹

Resumo

Pretende-se com este artigo esboçar uma breve compreensão acerca do riso no pensamento de Nietzsche, tendo como pano de fundo a sintomatologia traçada no aforismo 370 de *A gaia ciência*, como traço distintivo de duas formas de corrosão: jubilosa e ressentida. A primeira, própria de instintos sãos e espíritos livres, afeitos à inconstância potente; a segunda, autocorrosiva, sintoma de uma condição de enfermidade e ressentimento.

Palavras-chave: riso; humor; corrosão; vontade de poder.

Abstract

This article aims to sketch a brief understanding about laughter in Nietzsche's thought, against the backdrop of the symptomatology outlined in aphorism 370 of *The Gay Science*, as distinctive trait of two forms of corrosion: joyous and bitter. The first, related to safe instincts and free spirits, accustomed to the potent inconstancy; the second, self-corrosive, symptom of a condition of disease and resentment.

Keywords: laughter; humor; corrosion; will to power.

Quão tristes parecem-me, hoje em dia, os palhaços da plebe!

Mas o dia de hoje é da plebe.

(Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*, Do homem superior §19, 345).

Miguel Angel de Barrenechea, em seu livro *Nietzsche e a alegria do trágico* (2014), apontou muito bem para aquela que seria a característica mais marcante da tragédia grega, trazida à tona pelo pensamento nietzscheano: para além da catarse inibidora dos instintos, o júbilo ante o nascer e o perecer, que tem no *riso* um sintoma de aceitação ativa do agonismo e da agonia da vida, de afirmação de sua plenitude e tragicidade.

A potência do riso expressa nessa compreensão estaria naquilo que, com Luigi Pirandello, poderíamos chamar de *corrosão*. O *humor*, segundo ele, “decompõe aquelas ilusões uma a uma”, começando “por aquilo que a ilusão faz a cada um de nós, isto é, pela construção que cada um faz de si mesmo”, ou ainda, pela “interpretação fictícia e

⁹ Doutor em Filosofia (UERJ) e professor em adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

sem dúvida sincera de nós mesmos”¹⁰. O riso e a gargalhada aparecem como formas de sabotagem, ou mesmo de autossabotagem que, no pensamento de Nietzsche, estariam relacionadas ao prazer no absurdo advindo da inversão de uma experiência em seu contrário:

O prazer no absurdo – Como pode o homem ter prazer no absurdo? Onde quer que haja risos no mundo, isto acontece: pode-se mesmo dizer que, em quase toda parte onde existe felicidade, existe o prazer no absurdo. A inversão da experiência em seu contrário [...], mas de modo que este processo não cause nenhum mal e seja concebido apenas por exuberância – isso deleita, pois nos liberta momentaneamente da coerção do necessário, do apropriado e experimentado, que costumamos ver como nossos senhores implacáveis; brincamos e rimos quando o inesperado (que geralmente amedronta e inquieta) se desencadeia sem prejudicar (MA/HH §213, 142-3)¹¹.

Naquilo que tem de corrosivo, o riso, em seus variados graus, decompõe ilusões – a começar pela ilusão da constituição de sentido para a vida – de modo que novas possam ser moldadas. Sinaliza para o reconhecimento da realidade como um engano constituído como verdade; e o abandono – sem ressentimento – de arregimentações decadentes, ou tornadas decadentes, para que novas venham a se configurar.

Não são poucas as passagens na obra nietzscheana em que esse riso trágico, corrosivo, é tomado como expressão de uma vontade de poder ascendente. Zarathustra santifica o próprio riso e nos ensina a rir *para além de nós mesmos* (Z, Do homem superior §19-20, 345-6), fazendo da gargalhada a resposta ao peso sufocante do eterno retorno do mesmo (Z, Da visão e do enigma§1, 145). Já em *Além do bem e do mal*, Nietzsche chega mesmo a esboçar uma “hierarquia dos filósofos conforme a qualidade o seu riso”, pondo no alto aqueles capazes da *risada de ouro* (GB/BM§294, 195). E não ao acaso, em *Genealogia da moral*, o ideal judaico cristão é tomado como coisa de comédia e seus autores, comediantes (GM-pr7,14; III§26,146). Alguns anos antes, em *O andarilho e sua sombra* o riso fora tomado como forma libertação das cadeias morais que, embora tenham feito do homem um animal mais espiritual e alegre que os outros, findaram por deixá-lo pesado, enfermo, sério (MA-WS/HH-AS§350, 310).

¹⁰ PIRANDELLO, L. *O humorismo*, p.156.

¹¹ São de Nietzsche as referências com legenda e sem indicação do autor. A descrição completa encontra-se nas referências bibliográficas após o texto.

Porém, aqui se requereria alguma cautela. Para Nietzsche, é grande o perigo de que essa condição de liberação, acessível a todos, acabe por reforçar ainda mais a condição de enfermidade que os conduz ao *nada de vontade*. Daí que, para ele, “apenas ao homem enobrecido pode-se dar a liberdade de espírito, apenas dele se aproxima o alívio da vida” (MA-WS/HH-AS§350,310). Apenas um espírito livre, nesse sentido, seria capaz de um riso cáustico e jubiloso – *regenerador*. Mas essa não seria a única forma de corrosão, nem tampouco, de riso. Também a condição de enfermidade, aparentada do niilismo, é geradora de riso – não mais jubiloso, e sim, ressentido. Tal condição apresenta uma forma de humor que, embora cáustico, solvente, volta-se precisamente contra as arregimentações nascentes que, embora saudáveis, mostram-se ainda frágeis.

Esta compreensão torna-se mais clara quando vista à luz da sintomatologia das formas artísticas esboçada no Livro V de *A gaia ciência*, que distingue as artes com base na vontade de constância ou de impermanência, fixação ou mudança que as perpassa – pautando-se, por outro lado, pela condição de força ou de fraqueza que essa vontade expressa. No cerne deste esquema – que de certo modo norteia a genealogia nietzscheana em suas diversas nuances – está a crítica ao “difícil e insidioso” método da *inferência regressiva* [], que vai “da obra ao autor, do ato ao agente” e por meio do qual, segundo ele, comete-se a maioria dos erros – inclusive, diríamos, o erro potente da criação de si – mas cujo sintoma vem à tona pelo seu procedimento genealógico, que conduz “de todo modo de pensar e valorar à *necessidade* que por trás dele comanda” (FW/GC §370, 273). O quadro é então moldado na forma de uma pergunta basilar: “Quanto aos valores artísticos todos, utilizo-me agora dessa distinção principal: pergunto, em cada caso, ‘foi a fome ou a abundância que aí se fez criadora?’” (*ibidem*). Sob esse esquema moldam-se tanto o desejo de fixar, eternizar, *ser*, quanto o de destruir, mudar, *vir-a-ser* – pelo que se distinguiriam o *pessimismo romântico* e aquele que chama de *pessimismo dionisíaco*.

É com base nessa sintomatologia, extensível às formas artísticas em geral, que se poderia conceber, *aquém* do riso jubiloso, a gargalhada ressentida, típica daqueles que, incapazes de abandonar velhas arregimentações decadentes – sejam elas: morais, políticas, artísticas, instintivas – escarnecem daqueles que o fazem. Trata-se do riso enfermo, sem graça, cuja corrosão não faz mais que impedir que instintos são aflorem.

A *grande saúde*, dirá Nietzsche em *A gaia ciência*, é preciso sempre adquiri-la. Mas para isso, é preciso também sempre abandoná-la. É onde atua o riso do *espírito livre*: ato corrosivo que, por abundância e potência, “brinca com tudo o que até aqui se chamou de santo, bom, intocável, divino” (FW/GC§382, 286-7). E que torna a realidade, a ilusão constituída como *verdade*, um engano a ser abandonado para que, tragicamente – leia-se: jubilosamente – se alcance a *grande seriedade*; à maneira como se encara problemas profundos: “como um banho frio – entrando rapidamente e saindo rapidamente. Que assim não possamos chegar à profundidade, *descer* o suficiente, diz Nietzsche, é uma superstição dos que temem a água, dos inimigos da água fria (FW/GC §381, 284-5).

Mas além – ou aquém – desse riso travesso, haveria também o riso daqueles que já não suportam a dor e, ao invés de vivê-la, iludem-se com o otimismo de uma esperança risonha, porém, ressentida, insegura, doentia. Rir, como dirá Nietzsche também em *Genealogia da moral*, põe a arte e o próprio artista “abaixo” de si (GM-III). Mas também é capaz de, voltando-se contra o ridendo, pôr abaixo arregimentações de impulsos ascendentes ainda incipientes. E sob essa perspectiva, aproximar-se-ia da aceitação passiva dos “onicontentes”, tal qual o burro no jantar de Zaratustra com seus convidados: I-A (Z, “A Ceia”; “Do Espírito de gravidade” §2). Onicontentamento que *ri* de tudo e é, antes, sintoma de *onirressentimento*.

Com esse riso ressentido, forçado, não se permite que instintos fortes vicejem, preferindo-se uma confortável, porém ressentida condição de enfermidade otimista. Pelo riso jubiloso, ao contrário, reconciliamo-nos com os acasos, tornando-os nosso destino. Com ele nos aproximamos daquilo que Nietzsche compreende por maturidade. Longe de abandonar o riso, amadurecer requer seu aprimoramento: “significa reaver a seriedade que se tinha quando criança ao brincar” (GB/BM§94,71). E...

... [q]uanto mais alegre e seguro se torna o espírito, tanto mais a pessoa desaprende a gargalhar; em vez disso, brota-lhe constantemente um sorriso mais espiritual, um sinal do seu assombro ante as inúmeras amenidades ocultas da boa existência (MA-WS/HH-AS§173, 242).

Referências Bibliográficas:

BARRENECHEA, Miguel A. de. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal* (GB/BM). Trad. Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Assim Falou Zaratustra* (Z). Trad. Mário da Silva. 14ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *Aurora* (M/A). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Gaia ciência* (FW/GC). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Crepúsculo dos ídolos* (GD/CI). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Humano demasiado humano* (MA/HH). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Humano demasiado humano II - Miscelânea de opiniões e sentenças* (MA-MS/HH-OS) / *O Andarilho e sua sombra* (MA-WS/HH-AS). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PIRANDELLO, Luigi. *O humorismo*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Experimento, 1996.